



TATUAGEM COM AÇÕES COLABORATIVAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS

Daniela Pereira Melo Benite

PERMANÊNCIAS NARRATIVAS:
TATUAGEM COM AÇÕES COLABORATIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais com Habilitação em Multimídia e Intermídia do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Professora Doutora Silvia Regina Ferreira de Laurentiz

São Paulo 2019

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Silvia, não somente pela sabedoria, mas pela paciência e toda confiança que me passou durante todo este processo.

Agradeço à Aurora, minha linda, por sempre me apoiar e por revisar meus textos.

Agradeço à minha família por me reconhecer e apoiar, mamãe, papai e pequeno grandão Fredinho.

Agradeço aos meus amigos por acreditarem, apoiarem e participarem dos meus projetos.

Agradeço a quem estiver lendo pela atenção e curiosidade.

RESUMO

Este trabalho procura pesquisar e explorar as narrativas atreladas à tatuagem e os papéis das partes envolvidas. O foco é no lugar que a pessoa tatuada pode habitar, sendo potencialmente sujeito de uma narrativa e ao mesmo tempo suporte e objeto de contemplação. Aqui também proponho um projeto colaborativo entre tatuadora e pessoa tatuada envolvendo realidade aumentada.

Palavras chave: Tatuagem. Narrativa. Realidade Aumentada. Corpo. Objeto.

ABSTRACT

This text aims to research and explore narratives linked to tattoos and the roles of the people involved in the process. The focus is on the different roles that the tattooed person can take, from subject of their own narrative to a canvas and a contemplation object. Here I also propose a collaborative project between tattooed and tattooer involving augmented reality.

Key Words: Tattoo. Narrative. Augmented Reality. Body. Object.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: “MATÉRIEL DE TATOUAGE” DE “MAS D’AZIL”, FRANÇA, POR PÉQUART & PÉQUART (1962). FONTE: GILBERT (2000, P.10)	2
FIGURA 2: FIGURAS DA CULTURA “CUCUTENI” DO QUINTO MILÊNIO ANTES DE CRISTO, ENCONTRADAS NA ROMÊNIA. FONTE: <i>ARCHAEOLOGICAL INSTITUTE OF AMERICA</i> (2013)	2
FIGURA 3: VASO GREGO RETRATANDO MULHER DO POVO TRÁCIO. FONTE: <i>ARCHAEOLOGICAL INSTITUTE OF AMERICA</i> (2013)	2
FIGURA 4: REPRESENTAÇÕES PICTÓRICAS DOS CLICHÉS DE LORETO. FONTE: BERI (1889)	2
FIGURA 5: IMAGEM DO DIÁRIO DE WILLIAM LITHGOW E ILUSTRAÇÃO DE SUA TATUAGEM. FONTE: FRIEDMAN (2016)	2
FIGURA 6: IMAGEM DE TATUAGENS FEITAS EM PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA A JERUSALÉM EM 1669. FONTE: FRIEDMAN (2016)	2
FIGURA 7: ESTATUETA JAPONESA DE ROSTO MARCADO DATADA POR VOLTA DE 2000-1000 A.C. FONTE: <i>ARCHAEOLOGICAL INSTITUTE OF AMERICA</i> (2013).....	2
FIGURA 8: GRAVURA UKIYOE DO ARTISTA EISHOSAI CHOKI (1790). FONTE: UKIYO-E.ORG	2
FIGURA 9: FOTOGRAFIA FEITA PELO FOTÓGRAFO JAPONÊS KUSAKABE KIMBEI, FIM DO SÉCULO XVIII. FONTE: GOOGLE ARTS& CULTURE	2
FIGURA 10: ILUSTRAÇÃO DE UM GUERREIRO DA NOVA ZELÂNDIA POR SYDNEY PARKINSON, 1770. FONTE: GILBERT (2000, P.35).....	2
FIGURA 11: LIVRO ALEMÃO UTILIZADO NA POLINÉSIA PARA O RESGATE DA PRÁTICA ANCESTRAL DA TATUAGEM. “DIE MARQUESANER UND IHRE KUNST” POR KARL VON DEN STEINEN. FONTE: WWW.KLINEBOOKS.COM	2
FIGURA 12: FOTOS TIRADAS POR LARS KRUTAK DE JOVENS KAYABI QUE MANTÊM A PRÁTICA DA TATUAGEM NOS DIAS DE HOJE. FONTE: KRUTAK (2013)	2
FIGURA 13: ILUSTRAÇÃO DO INÍCIO DO SÉCULO XX MOSTRANDO AS REPRESENTAÇÕES DOS NOMES TATUADOS NOS KAYABI. FONTE: KRUTAK (2013).....	2
FIGURA 14: XAMÃ KAYABI. FONTE: KRUTAK (2013).....	2
FIGURA 15: "LADY VIOLA, THE MOST BEAUTIFUL TATTOED WOMAN IN THE WORLD" 1920. FONTE: <i>ELSAHOLLAND.COM</i> (2014).....	2
FIGURA 16: CORPO DE TIM STEINER TATUADO POR WIM DELVOYE E EXPOSTO NO MUSEU DO LOUVRE, 2012. FONTE: HAMDAN (2015).....	2
FIGURA 17: CORPO DE TIM STEINER TATUADO POR WIM DELVOYE E EXPOSTO NO MUSEU DO LOUVRE, 2012. FONTE: HAMDAN (2015).....	2
FIGURA 18: LONDON TATTOO CONVENTION 2018. FONTE: WWW.INKEDMAG.COM	2
FIGURA 19: SINGAPORE INK SHOW 2017. FONTE: @JAVANNG (TWITTER, 2017)	2
FIGURA 20: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), NAGIKO CRIANÇA	2
FIGURA 21: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), NAGIKO SENDO PINTADA	2
FIGURA 22: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), JEROME COMO ‘LIVRO UM’	2
FIGURA 23: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), O LIVRO 9.....	2
FIGURA 24: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), NAGIKO NA CHUVA	2
FIGURA 25: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), LIVRO DESTRUÍDO PELA CHUVA.....	2
FIGURA 26: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), LIVRO DO CORPO DE JEROME.....	2
FIGURA 27: TATUAGEM QUE FIZ EM QUE O CLIENTE TROUXE UM DESENHO PRÓPRIO PARA SER TATUADO (2019). FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	2
FIGURA 28: PRIMEIRO AUTO TATUAGEM (2017). FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	2
FIGURA 29: AUTO TATUAGEM (2019). FONTE: ARQUIVO PESSOAL	2
FIGURA 30: SCREENSHOT CAMPANHA AME DE NOVO (PETZ, 2017)	2
FIGURA 31: SCREENSHOT CAMPANHA AME DE NOVO (PETZ, 2017)	2
FIGURA 32: SCREENSHOT CAMPANHA AME DE NOVO (PETZ, 2017)	2
FIGURA 33: EXEMPLO SOUNDWAVE TATTOO. FONTE: SIVERTIMES.COM (2017).....	2
FIGURA 34: TATUAGENS TEMPORÁRIAS DE QR CODES (SCOTT BLAKE, 2014). FONTE: HAMDAN (2015)	2
FIGURA 35: SCREENSHOT DE VÍDEO DO YOUTUBE MOSTRANDO A TATUAGEM DE QR CODE DE UM PAI (URIEL SPINHARDI CIAMBELLI) EM HOMENAGEM A SEU FILHO.....	2
FIGURA 36: QR CODE. FONTE: ARQUIVO PESSOAL	2
FIGURA 37: STILL DO FILME O LIVRO DE CABECEIRA (1996), NAGIKO PROJEÇÃO SOBRE PINTURA	2
FIGURA 38: PROJETO PRÁTICO NA EXPOSIÇÃO, 2019. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	2

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1-Panorama Histórico	11
2-Tatuagens: Narrativas e Corpo como Objeto.....	23
3-O livro de Cabeceira: A Questão do Sujeito e a Permanência ..	35
4-Proposta Prática: Ações Colaborativas e Realidade Aumentada	44
Considerações Finais	53
Referências.....	56

INTRODUÇÃO

Tatuagem, processo que envolve injetar pigmento na segunda camada da pele criando marcas permanentes.

Há aproximadamente três anos comprei meu primeiro livro sobre história da tatuagem, um ano depois iniciei o processo de me profissionalizar na área. A marcação da pele sempre foi de grande interesse, principalmente quanto às informações que ela pode carregar e os papéis que o corpo pode performar.

No segundo semestre de 2017 fiz um curso na *Academia Tattoo* de seis meses. A Academia era em um estúdio de São Paulo, lá assisti o trabalho de alguns tatuadores como aprendiz e tive aulas teóricas, práticas e até algumas provas. A primeira pele que tatuei foi a minha, como uma primeira avaliação / prova do curso. Além de aprender as técnicas, ali comecei a entender os diferentes papéis e funções do corpo naquele contexto, variando de sujeito a objeto, mais comumente uma mistura de ambos.

Não é um problema o corpo tatuado ser tela ou algo a ser contemplado, seria aliás impossível marcá-lo sem o transformar também em objeto. A questão está no extremo dessa relação que pode chegar a uma negação do indivíduo. Além desse tópico, desejo explorar aqui as narrativas ao redor da tatuagem, os diferentes papéis do corpo, a permanência dessa marcação e a possibilidade não somente do indivíduo tatuado como sujeito e objeto ao mesmo tempo, mas como colaborador do processo.

Outra questão é o potencial narrativo e estético que outras mídias podem ter se colocadas em relação à tatuagem em um processo de colaboração. Por isso, no desenvolvimento do trabalho prático utilizo recursos tecnológicos para alcançar os objetivos poéticos.

O desenvolvimento deste trabalho envolveu a criação não somente desta pesquisa e do projeto prático que envolve diferentes mídias, mas também

a criação de um Diário de Bordo e um pequeno Guia para Iniciantes. O Diário é um registro de todo processo de criação e das relações construídas entre a tatuadora e os participantes. O Guia é para aqueles que como eu se interessam em tatuagem como profissão, mas não sabem por onde começar. Ambos se encontram em apêndice.

Aqui construí quatro capítulos. Primeiro um panorama histórico da tatuagem, contextualizando a prática e introduzindo um pouco dos diferentes contextos em torno dessas marcações na pele. A partir desta introdução histórica coloco como assunto o potencial narrativo da tatuagem. Apresento textos e entrevistas que buscam explorar os motivos de se tatuar e o que a imagem gravada pode representar. Em seguida entram os diferentes papéis da pessoa, do corpo, nessas narrativas: quando ela é sujeito, objeto, suporte.

Trago como um dos pilares dessa discussão o filme *O Livro de Cabeceira* de Peter GREENAWAY (1996). Ele trata sobre vários dos tópicos que menciono como centrais para este trabalho, principalmente das narrativas e papéis da pessoa marcada. Abrange do papel de sujeito até a total objetificação e subjugação do outro, além de tanger em temas como a permanência e a relação de diferentes mídias com diferentes durabilidades no mesmo suporte.

No último capítulo apresento as contribuições possíveis da pessoa tatuada para o processo da tatuagem, tanto na criação da imagem a ser marcada quanto nas informações atreladas a ela. Com isso contextualizo meu projeto para a produção prática, que além de colaborativo, se utiliza de diferentes mídias para apresentar narrativas particulares de cada corpo envolvido. Essas diferentes mídias se comunicam no projeto exposto por meio de realidade aumentada.

1 - PANORAMA HISTÓRICO DA TATUAGEM

Tattoo history is anything but linear (FRIEDMAN, 2018¹)

Quando falamos sobre tatuagem é extremamente comum encontrarmos artigos que partam de um pressuposto de que era uma prática marginalizada que recentemente encontrou popularidade global (FRIEDMAN, 2018). Até sites intitulados *História do Mundo* ou *Mundo das Tatuagens* ², mostram esse tipo de explicação. A narrativa da tatuagem, contudo, não pode ser vista de maneira tão simplista e estática. Ela é extremamente complexa, dinâmica e diversa.

Apenas o céu sabe exatamente quando o primeiro homem e mulher adicionaram o primeiro ornamento em seu corpo. Não muito tempo depois, estou certo, foi feito pelo primitivo colocando uma decoração permanente, ou sinal de magia, sobre a pele (BURCHETT³, 1958, p.10).

Não é possível traçar a origem da tatuagem a partir de um criador, um povo ou uma única região. Ela é uma prática múltipla que se desenvolveu em maior ou menor grau em diversas sociedades pelo mundo. Por conta da

¹Anna Friedman, professora do Instituto de Arte de Chicago, é pesquisadora interdisciplinar e historiadora da tatuagem. Ela tem uma plataforma dedicada a compartilhar conhecimento histórico (tattoohistorian.com) e recentemente fundou the Center for Tattoo History and Culture.

² O site historiadomundo.com.br em seu artigo *História da Tatuagem* define a prática como rebelde e afirma que foi espalhada pelo mundo pelos navegadores ingleses que entraram em contato com tribos da Polinésia no século 18, apesar de reconhecer registros anteriores da prática. O site mundodastatuagens.com.br chega até a afirmar em seu texto *História da Tatuagem* que a prática em mulheres é algo estritamente recente.

³ George Burchett foi um tatuador inglês do início do século XX, conhecido por tatuar a realeza europeia da época.

efemeridade da vida e dos corpos humanos, os registros mais antigos encontrados da prática datam por volta do fim da pré-história e início da idade antiga.

Um exemplo disso é a múmia Ötzi encontrada nos alpes entre a Áustria e a Itália. Preservada no gelo há cerca de 5300 anos, apresenta cerca de 61 tatuagens pelo seu corpo e cientistas especulam que boa parte delas foram feitas com propósito medicinal. Outras múmias tatuadas foram encontradas no Egito, uma das mais preservadas sendo a Amunet da época de 2160 antes de cristo. Amunet é uma mulher que apresenta tatuagens nas suas coxas, braços e região inferior da barriga; tatuagens que são especuladas de significarem culto a deusas e à fertilidade (GILBERT, 2000).

Apesar de exemplos dos próprios corpos preservados serem mais limitados, há inúmeros registros indiretos que indicam a prática da tatuagem desde a época paleolítica. Eles variam de instrumentos (Fig. 1) que poderiam ter sido usados nessa prática a esculturas de figuras humanas (Fig. 2) gravadas com padrões na pele (GILBERT, 2000).

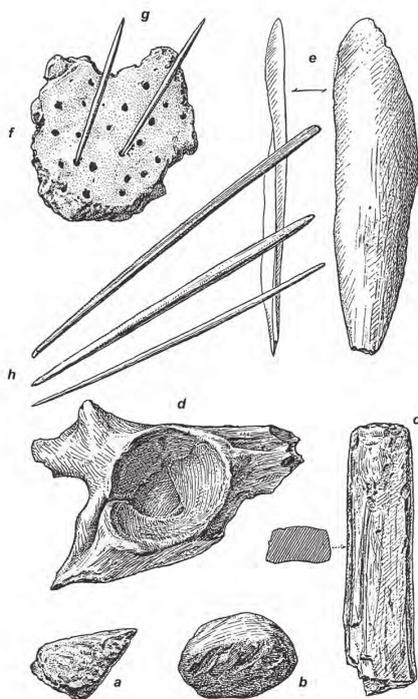


Figura 1: "Matériel de tatouage" de "Mas d'Azil", França, por Péquart & Péquart (1962)



Figura 2: Figuras da Cultura "Cucuteni" do quinto milênio antes de Cristo, encontradas na Romênia

Vários registros que, de certa forma, são indiretos se comparados com os corpos tatuados preservados, também trazem muitas informações não só da existência da prática, mas também de como ela era vista em distintas épocas e regiões. Além de contarem sobre como ela existia, com seus motivos, propósitos e suas narrativas.

Na Grécia antiga, cerca de 380 anos antes de Cristo, vários vasos eram decorados com imagens de pessoas da Trácia (região que hoje seria entre a Bulgária, Grécia e Turquia), principalmente mulheres, tatuadas no corpo todo. Os gregos tinham o costume de registrar esses povos tatuados (Fig. 3), mas não de se tatuarem.

Na época, tatuagem na Grécia era usada apenas como meio de punição em prisioneiros e escravos, o que influenciava a visão deles em relação a esses povos tatuados, considerados por eles como selvagens. Apesar disso, segundo FRIEDMAN (2018), evidências indicam que o povo Trácio utilizava a tatuagem como ornamento, forma de expressão e símbolo de status.



Figura 3: Vaso Grego retratando mulher do povo Trácio

Ainda na Europa também há registros de tatuagens relacionadas às peregrinações religiosas. O Santuário da Santa Casa de Loreto é um lugar de peregrinação católico situado no município italiano de Loreto. O livro *I Tatuaggi Sacri e Profani della Santa Casa di Loreto* explora diferentes imagens religiosas que eram tatuadas entre os séculos XIII e XVI nesta região. A autora conseguiu antigos clichés⁴(fig. 4) que eram usados no processo da época e teve contato com antigos corpos tatuados (BERI, 1889).

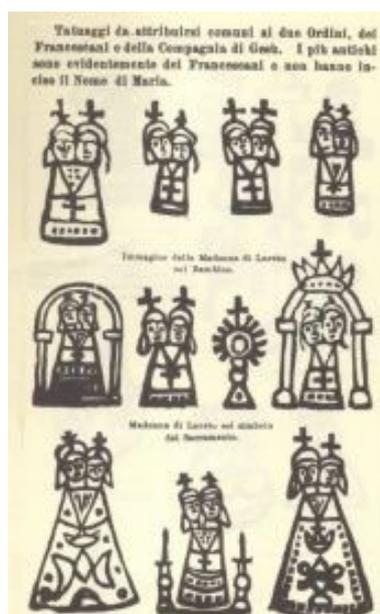


Figura 4: representações pictóricas dos clichés de Loreto

⁴ carimbos feitos de ferro ou madeira.

Outros registros da prática na época das peregrinações são de viajantes que foram até Jerusalém para se marcarem. Um escocês chamado William Lithgow registrou por escrito suas aventuras e as imagens que gravou em seu corpo em 1612 (fig.5). Suas tatuagens, além de representarem símbolos religiosos do cristianismo, serviam como memória de seu percurso e experiência; um 'diário de bordo' gravado na pele. Há também uma ilustração dos braços tatuados do peregrino alemão Ratge Stube (fig.6).

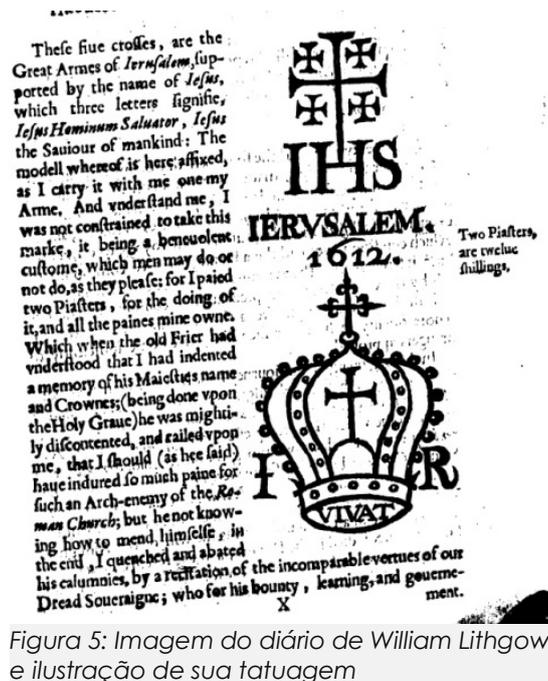


Figura 5: Imagem do diário de William Lithgow e ilustração de sua tatuagem

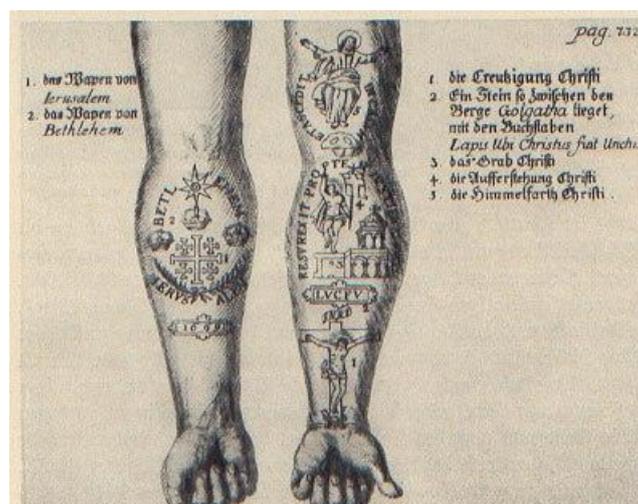


Figura 6: Imagem de tatuagens feitas em peregrinação religiosa a Jerusalém em 1669.

O Japão também teve uma rica, apesar de oscilante e conturbada, relação com a tatuagem (GILBERT,2000). Na pré-história, por exemplo, há registros que demonstram uso da tatuagem para rituais espirituais na região que hoje é conhecida como Japão. Esses registros são de pequenas figuras com os corpos gravados em cima de túmulos de 5 a 2 mil anos antes de Cristo (Fig. 7).



Figura 7: estatueta japonesa de rosto marcado datada por volta de 2000-1000 A.C.

Os primeiros registros escritos sobre a tatuagem no Japão são do século I, do ponto de vista de uma escritura chinesa, comentando como homens jovens japoneses decoravam seus rostos com tatuagens (GILBERT, 2000,p.77-78).

No século VII, sob influência das visões chinesas sobre a tatuagem, a prática passou a ser malvista e usada como método de punição. Eles passaram então por fases de proibição da tatuagem.

Apesar de atualmente as tatuagens continuarem sendo vistas com uma carga negativa no país, houve um pequeno renascimento da popularidade da prática no século XVIII. As tatuagens no Japão tiveram uma volta decorativa, simbólica e identitária; elas eram usadas para representações da espiritualidade, sentimentos e por membros de gangues. (GILBERT, 2000)

Acredita-se que isso se deu por conta dos artistas de ukiyoe⁵ (Fig. 8), que desenvolveram a técnica tebori de tatuagem e muitos dos designs clássicos atribuídos a tatuagem tradicional japonesa (Fig. 9) até hoje, como as carpas e figuras humanas icônicas. Tebori significa entalhar com a mão. É uma técnica que envolve conectar várias agulhas a uma longa vara de bambu. O instrumento é então utilizado para aplicar o pigmento na pele (DEMELLO, 2014).



Figura 8: Gravura Ukiyoe do artista Eishosai Choki (1790)

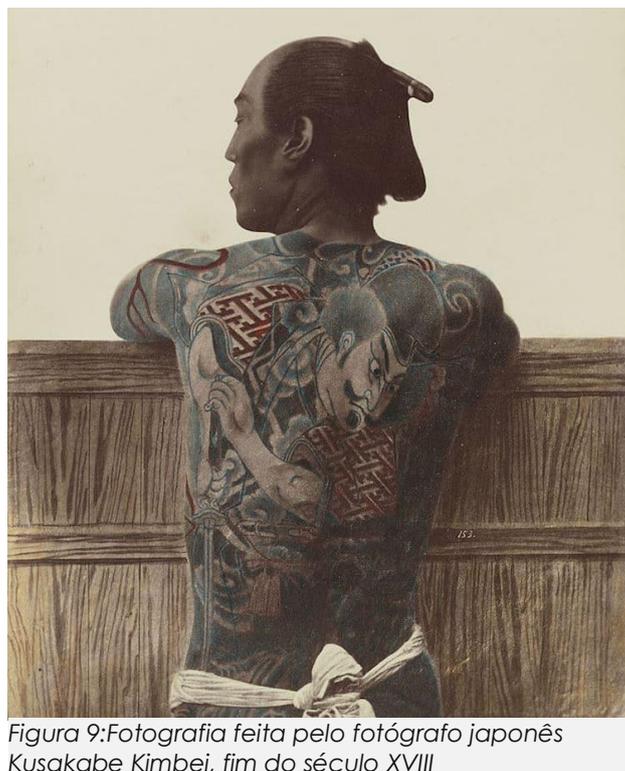


Figura 9: Fotografia feita pelo fotógrafo japonês Kusakabe Kimbei, fim do século XVIII

⁵ Ukiyoe é uma prática de gravura japonesa que se popularizou a partir do século XVII. (DEMELLO, 2014)

Seria quase impossível resumir a história da tatuagem inteira, de todas as épocas e regiões, mas seria também um desserviço deixar de mencionar a rica história dessa prática nas tribos da Polinésia e nas tribos sulamericanas.

Com as navegações e a colonização tanto da América Latina quanto das ilhas Polinésias muito se perdeu do rico processo de tatuagem desses povos e, infelizmente, a maior parte do registro que temos dessas práticas é do ponto de vista do colonizador, limitando nosso conhecimento dos motivos e narrativas por trás de cada símbolo gravado nas peles.

A tatuagem polinésia é considerada uma das mais complexas e desenvolvidas do mundo antigo. Muitos povos tinham o corpo completamente preenchido, dos rostos aos pés com inúmeros tipos de símbolos e padrões (Fig. 10). Além de serem tatuagens feitas em momentos ritualísticos que marcavam ritos de passagem e histórias de guerra, muito da cultura polinésia parecia se envolver em torno da beleza e decoração, da arquitetura, utensílios e canoas aos corpos.

Hoje em dia, há uma tentativa de resgate da cultura da tatuagem na Polinésia, pois na maioria das ilhas a prática foi proibido pelos colonizadores. Agora a tatuagem na região segue uma narrativa clara de resistência e resgate de identidade. Os novos tatuadores se utilizam principalmente de ilustrações de um livro alemão da época da colonização (Fig. 11). Como a maioria não entende a língua alemã, reproduzem símbolos antigos sem entenderem os significados que outrora carregavam.⁶

⁶ Informações retiradas de entrevista feita por Steve Gilbert da antropologista Tricia Allen da "University of Hawaii" em 21 de Junho de 1997.

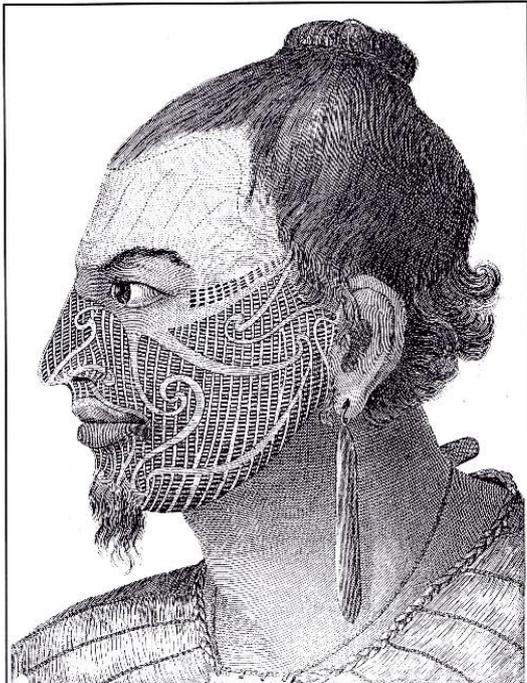


Figura 10:: Ilustração de um guerreiro da Nova Zelândia por Sydney Parkinson, 1770

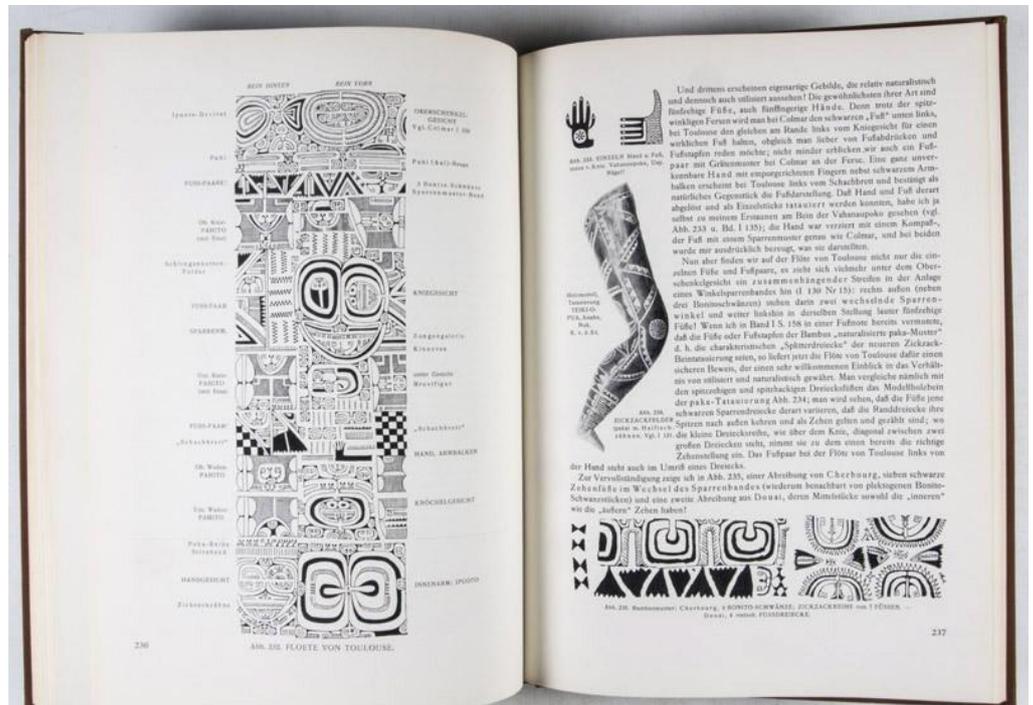


Figura 11: Livro alemão utilizado na Polinésia para o resgate da prática ancestral da tatuagem. "Die Marquesaner und ihre Kunst" por Karl von den Steinen

Na América do Sul, com a também brutal história de colonização, se tem ainda menos registros das tatuagens indígenas. O antropólogo americano Lars Krutak⁷ conseguiu resgatar um pouco da história de algumas tribos brasileiras. Segundo o autor, há cerca de 300 anos, é provável que havia mais tribos tatuadas habitando as florestas da América do Sul que em qualquer outro lugar do mundo, mas hoje restam menos de 10 tribos que praticam tatuagem.

Um dos povos indígenas brasileiros que continua suas antigas práticas até hoje (Fig. 12) é o Kayabi. Essa tribo que hoje, com o intuito de sobrevivência, habita o Parque Indígena do Xingu, tem a tatuagem como identificação e como parte de processos ritualísticos. Nesses rituais, a tatuagem pode representar um rito de passagem de meninos para homens, mas também representam a própria alma.



Figura 12: Fotos tiradas por Lars Krutak de jovens Kayabi que mantêm a prática da tatuagem nos dias de hoje

⁷ Lars Krutak é um antropologista, fotógrafo e escritor americano que produziu e apresentou o documentário “Tattoo Hunter” no Discovery Channel.

Nesta tribo, nomes são acrescentados por meio da tatuagem ao longo da vida de um indivíduo. Um exemplo é quando um guerreiro da tribo tira uma vida. Quando isso ocorre, é tatuado o nome do inimigo vencido em seu corpo, como se outra alma passasse a habitá-lo. Um ritual importante de iniciação de jovens guerreiros desta tribo, que envolve esse acréscimo do nome da vítima por uma marcação corporal, chama-se Jawosi (Fig. 13).

The Kayabi told me that in order to understand the Jawosi ritual, I not only needed to understand life, but I also needed to contemplate death and to think about how to get over periods of sadness experienced by the personal loss (KRUTAK, 2013).

O acréscimo de tatuagens espirituais e identitárias não ocorre só quando se é responsável por tirar uma vida. Nessa tribo se acredita que é necessária a mudança de nome do indivíduo ao longo de sua vida para representar as mudanças de personalidade e conhecimentos adquiridos. Cada mudança é tatuada no corpo da pessoa como um símbolo de sua narrativa pessoal, uma externalização de sua identidade em diferentes estágios da vida, de sua sabedoria adquirida. Os xamãs, sábios espirituais da tribo, costumam ter um número muito maior de nomes gravados em seus corpos (Fig. 14).

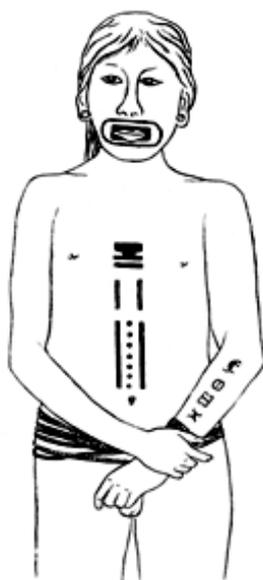


Figura 13: Ilustração do início do século XX mostrando as representações dos nomes tatuados nos Kayabi



Figura 14: Xamã Kayabi, foto retirada do site de Lars Krutak, 2013

Com esses exemplos históricos já podemos perceber algumas narrativas representadas pela tatuagem.

2-TATUAGENS: NARRATIVAS E CORPO COMO OBJETO

O conceito de narrativa costuma ser atrelado à ideia de uma história que segue algum tipo de linearidade e temporalidade. Este trabalho procura trazer a tatuagem com seu potencial narrativo, a imagem gravada em pele e seu processo.

Professora de ciências sociais e codiretora do Centro de pesquisa de Narrativa da *University of East London*, Corinne SQUIRE (2011), traz uma definição mais ampla da palavra narrativa. Narrativa seria o conjunto de informações que se relacionam em um desencadear de ações, seja de maneira temporal, espacial ou causal, e que tenham sentidos particulares. Isso abre o conceito de narrativa e possibilita incluir a ideia de narrativas em materiais visuais e em procedimentos como a tatuagem.

Em muitas explicações de narrativa, privilegia-se a progressão temporal das histórias; eu, porém, não a estou priorizando na definição acima⁸. As vidas se desenvolvem no tempo, e assim o fazem ao ouvir ou ler histórias, e a capacidade das histórias de andar paralelamente ao curso da vida nesta dimensão muitas vezes é entendida como determinante do valor delas. Mas apenas porque elas acontecem no tempo, isso não significa que o tempo seja seu principal princípio organizador. Afinal, elas também acontecem no espaço, e os pesquisadores de narrativas muito mais raramente gastam tempo explorando os paralelos entre as dimensões espaciais de corpos e vidas (SQUIRE, 2014, p.273).

As narrativas em torno da tatuagem são então, no contexto desse trabalho, as histórias e as informações que a tatuagem traz sobre o corpo tatuado e seu contexto.

⁸ Quando a autora escreve “definição acima”, ela se refere a narrativa como conjunto de signos/informações.

Henk SCHIFFMACHER (1996) é um tatuador dinamarquês e curador de exposições do museu de tatuagem de Amsterdam. Tanto ele quanto a já citada historiadora da tatuagem Anna Felicity Friedman trazem a questão das diferentes narrativas presentes/representadas nas tatuagens quando comentam sobre os motivos históricos e contemporâneos da prática. Friedman classifica a questão em quatro principais motivos: memorialização, identidade, ritos de passagem e terapêutico/cura. Já Schiffmacher não tenta estabelecer uma classificação precisa do que ele nomeia como motivos (SCHIFFMACHER, 1996).

Em seu texto *On the History and Practice of Tattooing*, SCHIFFMACHER (1996) apresenta os mais variados exemplos para a pergunta do porquê da tatuagem. Ele cita culturas que usam a tatuagem em rituais religiosos com propósito de espiritualidade e cura, tatuagens feitas no processo de luto como um ritual e expressão de dor, tatuagens de motoqueiros indicando pertencimento de grupo, até tatuagens de prisão com sentido de protesto e rebelião, além de individualidade e identidade. Alguns exemplos em seu texto são:

“On Hawaii, people bear witness to their pain in special mourning tattoos consisting of a row of dots and dashes on the tongue” (SCHIFFMACHER, 1996, p.10). Após comentar sobre tatuagens de luto ele segue em seus exemplos para marcações de pertencimento de tribais: “The welts of the Yoruba people of Nigeria are just as much an expression of membership of a group as are the tattoos of the Hell’s Angels and the street gangs in large American cities” (idem, p.16). Ele também chega a comentar sobre tatuagens de cadeia e como elas podem ser uma forma de rebeldia e protesto: “The Tattoo becomes a form of protest against dehumanization, a rebellion to show that the prisoner has not given up, has not been conquered or broken, proven the spirit in an imprisoned body”(idem, p.18).

Ele assim mostra a complexidade e diversidade das narrativas em torno das tatuagens. Os porquês, os propósitos e significados são tão variados quanto são misturados.

Outros textos importantes para o assunto em questão são *A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society* de Atte Oksanen e Jussi TURTIAINEN (2005) e *Tatuagem: cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas* por Josimey Costa da Silva e Maria Ângela PAVAN (2010).

A Life Told in Ink (TURTIAINEN, 2005) tem como base a análise de diferentes publicações da revista *Tattoo*, especificamente o segmento dessa revista dedicado a retratos de pessoas tatuadas seguidos de suas histórias.

Antes de nos iniciarmos nas contribuições que esse texto traz à pesquisa vigente, é preciso destacar alguns problemas nele presentes. A meu ver, *A Life Told in Ink* apresenta julgamentos que podem ser considerados precipitados. Os autores falharam em considerar um contexto mais amplo da história da tatuagem assim como os artigos mencionados no primeiro capítulo. Os autores mencionam a história como evolutiva e linear, vinda de um submundo de prostitutas e criminosos no mundo ocidental para depois virar moda na modernidade, o que vimos que não é uma afirmação historicamente correta. A tatuagem tem um percurso complexo e diverso, que mesmo no mundo ocidental foi presente em diversas culturas, povos, grupos sociais e com diversos sentidos e propósitos (FRIEDMAN, 2018).

Voltando à questão principal, o texto já inicia apresentando a ideia da tatuagem como uma história pessoal marcada na pele. O primeiro exemplo é de uma pessoa retratada na revista *Tattoo magazine*, uma mulher chamada Tsae Lee Dow: “Tsae Lee Dow refers to her tattoos as footnotes of herself and as a personal history in her skin” (TURTIAINEN, 2005, p.113). Ela perdeu o irmão de maneira traumática quando criança e tem essa experiência, dentre outras, registrada simbolicamente por meio de uma tatuagem em seu corpo. No caso, a experiência foi registrada por meio de uma tatuagem de árvore, pois seu irmão morreu caindo de uma. E assim ela vai construindo um diário em sua pele.

Os autores determinam como questão central a tatuagem representando uma narrativa da vida, tatuagem como símbolo, ponto de referência:

The key concept used in this article is tattoo narrative, which refers to the way that tattooed subjects plot their life through their tattoos. Tattoos function as points of reference or maps that enable life stories to be told (TURTIAINEN,2005, p.112).

Essa definição, contudo, parece tão restritiva quanto a definição de narrativa que depende de linearidade e temporalidade como elementos centrais.

A tatuagem pode ser uma imagem com referência direta a um acontecimento da vida como no caso de Tsae Lee Dow, mas não se restringe a esse único tipo de narrativa. As histórias e informações presentes nas tatuagens nem sempre têm e não precisam ter ligação a um acontecimento objetivo vivido pelo indivíduo.

2.1-Multiplicidades

No caso citado anteriormente, Lee Dow comenta que suas tatuagens são notas de rodapé de sua história pessoal, como uma espécie de hipertexto de seu corpo. Hipertexto é um termo apresentado pelo pioneiro de tecnologia da informação Theodor Holm Nelson⁹ e se refere a informações linkadas eletronicamente por uma multiplicidade de caminhos. Apesar do nome indicar um texto, muitos o utilizam como um termo que inclui informações como imagens, sons, vídeos etc.

No texto *Hypertext* de George Landow (1992), o autor tece um paralelo entre o hipertexto na área da tecnologia e discussões na área da literatura. Ele compara o hipertexto com as notas de rodapé de um livro e comenta sobre a presença de narrativas multilaterais e não lineares em ambos os campos. A meu ver é possível também tecer um paralelo com as narrativas presentes na tatuagem, imagens gravadas no espaço do corpo que têm o potencial de serem links de diferentes narrativas que não seguem necessariamente uma linearidade.

Hipertextos não precisam ter uma ligação por semelhança às informações a eles linkadas, nem se relacionar a histórias objetivas. Tatuagens também não precisam oferecer relações com histórias de vida de um indivíduo, nem toda

tatuagem é imagem de um acontecimento concreto como no caso de Tsae Lee Down em que sua tatuagem de árvore conecta a uma história de um acidente em uma árvore.

⁹ Ted Nelson é filósofo, sociólogo, e pioneiro americano na tecnologia da informação.

Essa discussão acaba tangendo também nas definições dos elementos semióticos de Charles Sanders PEIRCE (1885) ¹⁰. Segundo esse segmento da semiótica, um ícone é um símbolo visual que pode ser classificado em três principais 'tipos': imagem, diagrama e metáfora. Imagem é a informação visual que representa por semelhança, como o desenho de um carro representando o carro. Diagrama é a representação por meio de estruturas como a representação de um local por um mapa. Metáfora é a representação por aproximação de informações distintas, não há relação óbvia, a similaridade é sugerida por paralelismo e analogia.

O intuito não é classificar tatuagens entre os tipos de ícone, o próprio Pierce também comenta que não existem ícones puros, muitos habitam um pouco de cada definição. "podemos dizer que, em termos estritos, um 'ícone puro' é apenas uma possibilidade lógica, e não algo existente" (FARIAS,2002). Pretendo apenas enfatizar a diversidade das informações que a tatuagem pode trazer e as diferentes relações entre as imagens marcadas e as narrativas a elas ligadas.

Em *Tatuagem: cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas* (PAVAN,2010), um grupo de pessoas tatuadas foi entrevistado com o intuito de buscar as experiências sensíveis por trás das imagens gravadas na pele desses indivíduos na contemporaneidade. As pessoas entrevistadas mostram as diversas narrativas de suas tatuagens e a maioria não se trata de uma imagem diretamente ligada por semelhança a acontecimentos concretos de suas vidas.

Quando O. T. muda algo em sua vida, sente que precisa marcar a sua pele, mudar a sua cor por meio de uma nova tatuagem. O verbo transformar está presente em toda a sua fala. Associando as tatuagens a sentimentos, ele busca sempre uma nova imagem para tatuar no corpo. Ao lidar com a tristeza, por exemplo, ele se sente renovado ao se tatuar (PAVAN,2010, p.73).

¹⁰ Charles Sanders Peirce foi um filósofo e matemático americano do século XIX considerado o pai do pragmatismo e um dos grandes precursores da semiótica.

Neste exemplo, as tatuagens do entrevistado trazem narrativas de sentimentos e sensações, não de acontecimentos concretos e as tatuagens não funcionam necessariamente por aproximação estética a narrativa que trazem. Esse mesmo entrevistado, O.T, tem uma tatuagem do Super Homem que ele diz ter uma relação com seu senso de identidade.

Outra pessoa entrevistada, D.S., tatuou o personagem Kenny da animação South Park. D.S. diz ter tatuado o personagem por ter desenvolvido empatia por ele e por ser um personagem que morre em todo episódio, ao tatuá-lo ela o mantém vivo em si. Não há dúvida de que essa tatuagem também está carregada de narrativas, mas assim como no caso de O.T., não é ligada à construção de um diário na pele como mencionado no texto *A Life Told in Ink*.

Os textos, ao utilizarem esses exemplos, discutem a tatuagem como construção e expressão de narrativas pessoais. Elas podem se dar por meio de imagens que servem como metáforas para acontecimentos da vida do indivíduo, representações de sentimentos e sensações, de senso de identidade etc.

Apesar dessa multiplicidade, é possível encontrar um sentido em comum em tudo isso. São externalizações de subjetividades coletivas ou individuais, narrativas gravadas de maneira não verbal na pele. "Tattoos function as a means of non-verbal communication" (SCHIFFMACHER, 1996, p.12).

2.2- Corpo Como Objeto

Até agora, ao longo dessa discussão das narrativas da tatuagem, temos como sujeito, como personagem principal, a pessoa tatuada. Desde o panorama histórico, das mais diversas narrativas, vimos o corpo tatuado como sujeito delas, que passa pelo processo de iniciação ou rito de passagem, que representa suas memórias na pele, que expressa sua identidade, entre outros.

Mas além do potencial de trazer partes da própria narrativa, o corpo tatuado também pode ser visto e tratado principalmente ou unicamente como objeto e isso não é um fenômeno atual. Em sua tese de doutorado a pesquisadora Camila Cavalheiro Hamdan¹¹ comenta sobre o corpo tatuado como objeto de espetáculo e consumo introduzindo pela história como os tatuados de circos dos séculos XIX e XX.

Do fim do século XIX até a primeira metade do século XX era comum de se ter em espetáculos circenses o corpo tatuado como atração (Fig. 15).

“Como exemplo, mulheres marginalizadas são levadas ao interesse em realizar edições sobre a pele por meio da tatuagem, motivadas em ganhar a vida em exposições públicas nos teatros circenses” (HAMDAN, 2015, p. 220).

¹¹ Camila Cavalheiro Hamdan é artista e pesquisadora, além de doutora em Arte e Tecnologia pela Universidade de Brasília. Hamdan foi orientada pela professora e criadora do grupo artístico “Corpos Informáticos”, Beatriz Medeiros.



Figura 15: "Lady Viola, the most beautiful tattooed woman in the world" 1920

Pessoas marginalizadas eram levadas a se tatuar com o intuito de virarem objeto de consumo, de entretenimento. A autora também comenta sobre indígenas que eram retirados de seus contextos, escravizados, e colocados em exposições e shows de circo para terem seus corpos tatuados também consumidos como objeto de contemplação e entretenimento.

Após esses exemplos históricos, Camila Hamdan comenta sobre a pessoa tatuada tratada como objeto de contemplação na contemporaneidade.

Os corpos tatuados, que inicialmente foram exibidos em circos e exposições públicas, se expandem a shows, concursos e se inserem às mostras em galerias e museus como performance artística. Este é o caso do recente trabalho do artista belga, Wim Delvoye, exposto em 2012 no Museu do Louvre em Paris (HAMDAN,2015, p.222).

Wim Devolye é artista belga e trabalha principalmente com o corpo. Antes de expor um corpo humano tatuado, ele tinha fama pela controvérsia de suas obras que envolvem porcos vivos tatuados¹².

Devolye estabeleceu um acordo com Tim Steiner, a pessoa tatuada, que envolveu não somente a exposição de Steiner (Fig. 16) como mero suporte de sua arte, mas também a venda do corpo tatuado de Steiner para um colecionador. O sujeito tatuado, 'comprado' pelo colecionador alemão Rik Reinking, é e será exposto (Fig.17) três vezes ao ano até sua morte, quando sua pele será retirada e passará a fazer parte da coleção pessoal do colecionador.

"The work of art is on my back, I'm just the guy carrying it around,¹³" (STEINER, 2017)

A frase acima, dita por Tim Steiner, a pele vendida, ilustra uma completa objetificação da pessoa tatuada. No caso ele não flutua entre sujeito e objeto, ele é puramente objeto. Steiner foi objeto de pintura, suporte para a narrativa cujo sujeito é o artista Devolye, depois virou objeto de contemplação e finalmente virou produto, objeto de consumo de um colecionador.

¹² Conjunto de obras iniciado em 1997 denominado "Art Farm".

¹³ Tim Steiner em entrevista com BBC News 2017.



Figura 16: Corpo de Tim Steiner tatuado por Wim Delvoye e exposto no Museu do Louvre, 2012



Figura 17: Corpo de Tim Steiner tatuado por Wim Delvoye e exposto no Museu do Louvre, 2012

Esse caso é mais extremo e isolado, mas pode ser comparado em alguns níveis com convenções de tatuagem. Nestas convenções não tem o extremo do corpo virando até objeto mercadológico, mas nelas as pessoas se oferecem como suportes. São tatuadas por desenhos definidos pelo tatuador e ao final da convenção são expostas em um palco para terem seus corpos tatuados avaliados e contemplados (Fig.18 e 19).



Figura 18: London Tattoo Convention 2018



Figura 19: Singapore Ink Show 2017

3-O LIVRO DE CABECEIRA: A QUESTÃO DO SUJEITO E A PERMANÊNCIA

The tattooed, or modified body, thus always exists on a shifting boundary between subject and object. Just like Nagiko in Greenaway's film; the body is constructing a personal history of experiences on the one hand, while on the other hand it is as an object that is subject to the gaze of others (TURTIAINEN, 2005, p.112).

Nesse trecho do texto já mencionado *A Life Told in Ink*, os autores trazem uma questão importante em relação ao corpo tatuado e seu papel na narrativa da tatuagem. Este estaria flutuando entre as fronteiras de sujeito e objeto; ele pode ser sujeito na construção de sua narrativa por meio da tatuagem e objeto de observação do outro.

Turtiainen e Oksanen citam aqui o filme *O Livro de Cabeceira* de Peter Greenaway como representativo dessa flutuação entre sujeito e objeto. Nesse filme, contudo, o corpo marcado não é apenas objeto do olhar, mas sim num sentido quase absoluto, ele muitas vezes nem chega a ser sujeito de narrativa alguma.

Peter Greenaway é um diretor e artista britânico conhecido como artista da área de multimídia por seu trabalho com diferentes suportes e meios que ele costuma incorporar em seus filmes, e por discutir as relações entre eles na arte e suas relações com o corpo (MARCONDI, 1999). Greenaway traz pintura, desenho, fotografia, caligrafia e, no caso de *O Livro de Cabeceira*, pintura corporal, para o cinema e faz uma relação e interpretação dessas mídias dentro do vídeo, e, por sua vez, uma relação de tudo isso com o corpo. Pintura no corpo, texto no corpo, foto do corpo etc.

3.1- O Filme e o Sujeito

Nagiko, personagem principal do filme, apresenta proximidade e desejo pela marcação corporal. Desde pequena tem a pintura na pele como tradição, por meio de seu pai que escreve nela todo ano em um ritual de comemoração de seu aniversário (Fig. 20). Na vida adulta, após perder seu pai e se separar de seu marido, Nagiko procura incessantemente amantes que possam pintar sua pele (Fig. 21), sendo ela nessas ocasiões objeto de desejo e objeto de pintar e observar, mas não deixa de ser também sujeito de seus próprios desejos, de sua narrativa com esses amantes. Ao longo do filme a personagem passa por transformações e desperta desejo em ser quem pinta o corpo dos outros.



Figura 20: Still do filme *O Livro de Cabeceira* (1996), Nagiko criança



Figura 21: Still do filme *O Livro de Cabeceira* (1996), Nagiko sendo pintada

Nessa subversão de papéis Nagiko mostra tratamentos distintos com os indivíduos que pinta. Quando pinta seu amante, Jerome (Fig. 22), apesar de ele virar objeto de contemplação, ainda retém características de sujeito. O processo de pintura que ela faz nele parece uma troca e a história que escreve em sua pele se relaciona com o sujeito Jerome.

Ao longo do filme, as transformações de Nagiko também envolvem inúmeras frustrações, isso influencia como ela trata seus suportes de pintura. Ela começa cada vez mais a lidar com as pessoas que pinta como puros objetos, sem considerar o sujeito que habita o suporte. Ela chega a pintar corpos de pessoas embriagadas e depois passa até a estabelecer uma relação mercadológica com seus modelos, apenas se importando com como sua narrativa será passada.

A protagonista cria com essas pinturas corporais, o que ela chama de 'livros'. Cada pessoa, cada pintura no corpo é um 'livro'. Na do corpo de Jerome, o 'Livro um' de sua série, Nagiko e seu amante se encontram em um momento extremamente íntimo e recíproco. Ele que a incentivou em seu processo criativo de passar a marcar os corpos dos outros. Os dois bolam um plano para que o 'livro' dela fosse publicado, um que envolve Jerome sendo objeto de desejo e contemplação do editor Yaji.



Figura 22: Still do filme *O Livro de Cabeceira* (1996), Jerome como 'Livro um'

Jerome acabou se envolvendo com Yaji por mais tempo do que Nagiko imaginava, causando ciúmes na protagonista. Por sua vez ela passou a pintar outros corpos, o que causou ciúmes em Jerome. Estes novos corpos passaram por um processo diferente de marcação, não era íntimo ou recíproco, mas de certa maneira ainda levava em conta os sujeitos que os habitavam. Um exemplo é o 'Livro Cinco: O livro do Exibicionista', processo de pintura corporal que ela faz em um americano expressivo e de certa maneira exibicionista enquanto ele está bêbado. Isso já envolve uma relação muito diferente entre ela e a pessoa a ser pintada, um distanciamento, maior objetificação, mas a pessoa pintada ainda transita entre suporte de pintura, sujeito e objeto da narrativa.

Triste com os conflitos entre ele e a protagonista, Jerome toma várias pílulas e morre de overdose. Antes de seu enterro Nagiko escreve em seu corpo por uma última vez, um ritual de despedida. Yaji, quando descobre sobre a morte do seu jovem amante, rouba o corpo dele e o transforma em livro, retirando sua pele. Nagiko fica desesperada para recuperar o que sobrou do corpo de seu ex-companheiro. Ela passa a pintar diversos homens e os manda para o editor como barganhas em troca do livro Jerome.

Aqui se estabelece um terceiro relacionamento entre a protagonista, a autora, e os corpos que ela pinta. Ela contrata desconhecidos para passar adiante sua narrativa; o que se marca nos corpos não tem relação alguma com as pessoas sendo marcadas e suas subjetividades.

Os homens que ela manda para Yaji são apenas suportes e transportes para sua arte e são tratados pelo editor, o receptor, também como objetos e por vezes com brutalidade. O livro 9, 'Livro dos Segredos' (Fig. 23), chega ao editor como um homem aparentemente sem marcações, Yaji bate no 'livro' e percebe que a escrita está escondida pelo corpo do indivíduo, o que faz com que ele comece a jogá-lo para os lados, derrubá-lo, despi-lo, tentando decifrar as marcações.



Figura 23: Still do filme *O Livro de Cabeceira* (1996), o Livro 9

Os corpos marcados não habitam mais neste ponto da história a fronteira entre sujeito e objeto, neles habita uma narrativa inteiramente de outra pessoa, de Nagiko. São corpos sacrificados: "My argument here is that, in the *Pillow Book*, the living body is literally, not simply metaphorically, sacrificed in the name of the written word" (MARICONDI, 1999).

A narrativa, contudo, ainda depende desses corpos. Senão por conta da individualidade de cada pessoa marcada, depende pela fisicalidade destes suportes. Como comentado por Corinne Squire, narrativas não seguem necessariamente uma lógica temporal, podem se desencadear de maneira causal ou espacial. No caso das de Nagiko, a relação do desencadear de informações é extremamente espacial e dependente do carnal. Depende do objeto-corpo.

3.2- A Questão da Permanência

A tatuagem nem sempre é permanente. Hoje em dia existem tecnologias que permitem a remoção à laser, um acidente que envolva perda da pele ou membro leva junto a tatuagem e ainda é possível cobrir uma tatuagem com outra. Isso, contudo, não tira o peso da potencial permanência da tatuagem.

A vida e o corpo podem ser efêmeros, mas essa marcação tem a potencialidade de acompanhar esse corpo até seu fim ou em raros casos até milênios depois, como vimos no primeiro capítulo com as múmias tatuadas de mais de cinco mil anos (GILBERT,2000, p.11).

No filme *O Livro de Cabeceira* há representada, além de toda a discussão dos corpos, a questão da permanência. Apesar das narrativas se darem principalmente pela espacialidade do corpo, o tempo e a durabilidade também são questões marcantes. Durante todo o filme, desde o início quando Nagiko pedia para os amantes a marcarem (Fig. 24), até as pinturas dela em Jerome e nos outros homens (Fig. 25), sempre era usada uma tinta efêmera aplicada por pincel na pele. O diretor Peter Greenaway enfatiza isso falando:

We have been at pains in the film, to insist on writing in non-abusive, non-penetrative way with brush and ink, infinitely washable, as is made evident several times in the plot of the film (MARICONDI,1999).



Figura 24: Still do filme O Livro de Cabeceira (1996), Nagiko na chuva



...that has destroyed the masterpiece

Figura 25: Still do filme O Livro de Cabeceira (1996), Livro destruído pela chuva

A efemeridade da marcação corporal no filme tem apenas duas exceções. A primeira sendo Jerome, apesar da tinta utilizada na pintura que Nagiko faz nele ser a mesma da utilizada em todos os outros momentos do filme, a pintura preservada no corpo morto do personagem ganha aspectos da permanência de uma tatuagem.

O corpo ao ser enterrado normalmente sofre um processo natural de decomposição, mas Jerome foi 'mumificado', transformado em livro (Fig. 24), sua pele retirada do seu corpo e preservada¹⁴ junto com as marcações nela presentes.



Figura 26: Still do filme *O Livro de Cabeceira* (1996), Livro do corpo de Jerome

¹⁴ A preservação da pele tatuada após a morte não é única a esse trabalho de ficção. Na cultura japonesa, que é retratada neste filme, a preservação da pele marcada após a morte já foi praticada. Alguns registros e peles tatuadas sobreviveram até hoje para contar essa história, peles pertencentes a antigos membros da Yakuza, notória gangue japonesa que tinha a tradição de tatuar o corpo. O maior registro e coleção de peles tatuadas da Yakuza que temos hoje em dia é do doutor Masaichi Fukushi. São mais de 105 peles e muitas estão expostas em um museu na universidade Imperial de Tokyo (LIFE, 1950).

A segunda presença da permanência, como também o último exemplo de marcação corporal do filme, é uma tatuagem. Após recuperar o corpo de Jerome, Nagiko é mostrada amamentando sua filha e, ao retirar parte de sua roupa, podemos ver uma tatuagem cobrindo seus ombros e peitos (Fig. 25). Algo interessante é que ao longo do filme a marcação corporal se deu unicamente por caligrafia/texto, mas a tatuagem de Nagiko é, principalmente, imagem/desenho.

A permanência também só aparece na pele da protagonista após os fechamentos dos conflitos, no fim, quando ela parece ter encontrado certa estabilidade.

Apesar da tatuagem ter o potencial de ser removida, coberta, ou simplesmente mudar ao longo do tempo em conjunto com as mudanças da pele, ela com certeza não é efêmera como as pinturas em nanquim nos corpos que Nagiko produziu em sua trajetória, é inegável que é durável e tem o potencial da permanência que, apesar de não ser absoluta, se estabelece em relação com estes elementos mais efêmeros. E mesmo a tatuagem não sendo absolutamente estática ou eterna, sua durabilidade ou permanência relativa pode trazer uma sensação de estabilidade.

É também interessante caracterizar a tatuagem como durável dentro da visão de Henri Bergson¹⁵, filósofo francês, que traz a ideia de duração não como uma imagem fixa, mas como algo móvel, múltiplo e que se ressignifica (BERGSON, 1946).

¹⁵ Henri Bergson foi um filósofo francês do século XVII. Ficou famoso por suas teorias relacionadas as concepções de tempo e duração.

4-PROPOSTA PRÁTICA: AÇÕES COLABORATIVAS E REALIDADE AUMENTADA

4.1-Ações Colaborativas

Ao falarmos sobre as narrativas presentes nas tatuagens foi possível tecer uma análise do papel da pessoa tatuada, quando ela é sujeito da própria narrativa e habita os papéis de sujeito, objeto de contemplação ou entretenimento e suporte de determinada arte, até quando ela é apenas suporte e objeto. Contudo, no processo da tatuagem existe também a possibilidade de a pessoa tatuada ser agente, colaborador.

A autoria do desenho e da tatuagem costumam ser do tatuador. Há casos, entretanto, em que tatuadores tatuam desenhos feitos pela própria pessoa a ser tatuada (Fig. 27) ou em que o tatuador e a pessoa tatuada são a mesma pessoa (Fig. 28, 29).



Figura 27:: Tatuagem que fiz em que o cliente trouxe um desenho próprio para ser tatuado (2019)



Figura 28: Primeiro auto tatuagem (2017)



Figura 29:auto tatuagem (2019)

A participação não precisa se dar de maneira direta, marcando uma criação própria na pele. Também é possível se ter uma colaboração da narrativa da tatuagem. Existem dois principais tipos de tatuagem, o *flash* e a por encomenda. O *flash* é um desenho criado pelo tatuador e disponibilizado para o público. A por encomenda é um desenho criado a partir das ideias de determinado cliente para ser tatuado nessa pessoa específica.

É possível que ao ver um *flash* o cliente determine significados e narrativas não pensadas antes pelo tatuador, mas a autoria foi exclusivamente do

profissional. Já com o processo por encomenda a criação do desenho é guiada e influenciada pelas narrativas da pessoa a ser tatuada. O tatuador cria a imagem e o cliente as narrativas que a moldam e se atrelam.

A tatuagem é, contudo, a única parte necessariamente permanente. Já as narrativas atreladas a ela têm o potencial de se transformarem ao longo da vida da pessoa. Isso pode tender a não acontecer em casos como o citado no segundo capítulo de Tsae Lee Dow, em que a tatuagem tem uma relação de semelhança com um acontecimento concreto de sua vida (TURTIAINEN, 2005). Mas como comentado antes, nem toda tatuagem estabelece esse tipo de relação imagética-narrativa, algumas são metáforas de sentimentos como no caso de O.T. (PAVAN, 2012).

Um exemplo de ressignificação de tatuagens e do potencial de uma certa efemeridade é o de uma peça publicitária de incentivo à adoção da empresa *Petz*¹⁶ de 2017 chamada *Ame de Novo*. Nessa peça, a empresa reuniu um grupo de pessoas que tinham tatuagens de nomes de ex-parceiros (Fig. 30), que por conta do término do relacionamento sentiam que a tatuagem incomodava, que havia perdido significado. A empresa então gravou um encontro dessas pessoas com cachorros (Fig. 31) e na coleira desses cachorros havia os nomes que cada um tinha tatuado (Fig. 32). Foi uma campanha de adoção de cachorros que ressignificou os nomes tatuados e ofereceu uma nova narrativa para a tatuagem (Exame, 2017).

¹⁶ *Petz* é uma rede de pet shops brasileira. Nesta campanha ela fez uma parceria com o estúdio de tatuagem *Tattoo You*.



Figura 30: Screenshot campanha Ame de Novo (Petz, 2017)

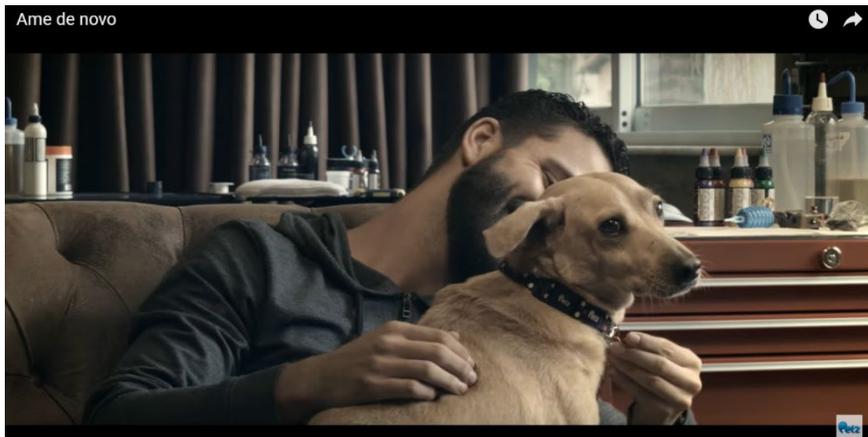


Figura 31: Screenshot campanha Ame de Novo (Petz, 2017)



Figura 32: Screenshot campanha Ame de Novo (Petz, 2017)

4.2- Realidade Aumentada na tatuagem

A realidade aumentada é um conjunto de tecnologias que pode ser utilizado como recurso participativo entre pessoa e tatuagem, uma forma de expandir as relações entre tatuador e tatuado e os limites dos papéis de cada um. Já existem vários trabalhos que envolvem as possibilidades da realidade aumentada em relação à tatuagem. Abaixo estão exemplos relevantes no contexto da proposta do trabalho prático a ser desenvolvido.

O primeiro trabalho envolvendo tatuagem e realidade aumentada com o qual me deparei foi *Soundwave Tattoo*. São tatuagens de ondas sonoras que, por meio de um aplicativo em dispositivos móveis, têm a experiência aumentada de tocarem o áudio desejado pelo indivíduo tatuado (Fig. 33), de batimentos cardíacos a voz da pessoa amada falando “Eu te amo”. As *Soundwave tattoos* foram criadas pelo artista e tatuador Nate Siggard¹⁷ em abril de 2017 e funcionam em uma plataforma paga chamada *Skin Motion*.



Figura 33: Exemplo Soundwave Tattoo

¹⁷ Nate Siggard é CEO da empresa *Skin Motion*, responsável pela plataforma das *Soundwave Tattoos*. Também é artista multimídia com outros trabalhos na área de realidade aumentada e tatuador.

Essas tatuagens ganharam grande popularidade e se encontram dentro de um contexto altamente comercial, no qual apenas tatuadores vinculados com a *Skin Motion* podem executar essas tatuagens e, além de pagar pela tatuagem, quem deseja essa experiência no corpo precisa pagar um valor inicial para a empresa dona da plataforma e uma anuidade.

Apesar disso, essa plataforma possibilita ação direta do indivíduo a ser tatuado no resultado da experiência. Ele pode gravar, escolher o áudio que irá tocar a partir da imagem tatuada, além do áudio determinar o formato da tatuagem. Além disso, essa tecnologia possibilita expansão da experiência narrativa da tatuagem, um acontecimento ou sentimento pode ser registrado na pele permanentemente por meio da tatuagem e por meio de sons, ruídos, palavras, timbres de voz por meio da tecnologia (o site da empresa menciona, porém, o risco de a tecnologia desaparecer, não há mesma garantia de permanência).

No texto de Camila HAMDAN (2015), a autora explora a ideia de realidade aumentada e tatuagem como uma potencialização da comunicação do corpo. Um dos exemplos de trabalho artístico envolvendo tatuagem e realidade aumentada que ela traz é o trabalho de Scott Blake¹⁸.

As tatuagens nesse caso são temporárias. O artista costuma utilizar as tecnologias do QRCode e código de barras para guardar informações pessoais do participante no meio digital, como nome, data de aniversário etc. (Fig.34).



Figura 34: tatuagens temporárias de QR Codes (Scott Blake, 2014)

¹⁸ Scott Blake é um artista americano formado em arte computacional na Savannah College of Art and Design.

Existem outros exemplos de tatuagens que se utilizam do QRCode para trazer informações, narrativas do corpo tatuado. Muitos dos exemplos que achamos online não são de experiências coordenadas de um projeto artístico, mas iniciativas individuais de pessoas que desejam ampliar as possibilidades de expressão da tatuagem.

Temos aqui também um exemplo não só de uma tatuagem que tem uma experiência narrativa expandida pela realidade aumentada, mas também da pessoa tatuada participando ativamente da autoria da narrativa dessa tatuagem; a pessoa tatuada que fez, editou e postou o vídeo que faz parte da experiência final (Fig.35).

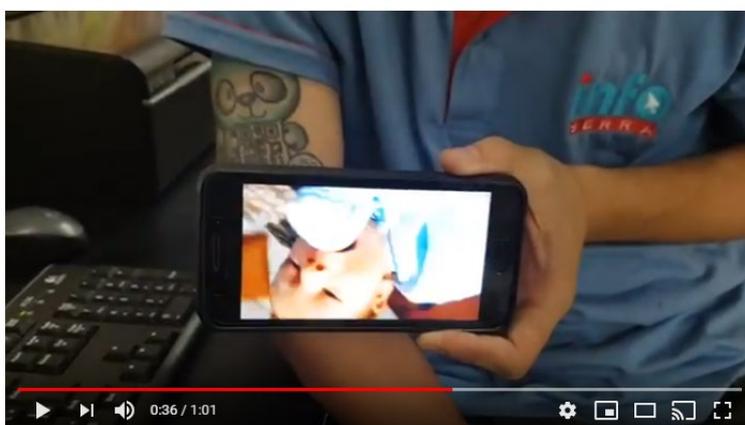


Figura 35: Screenshot de vídeo do youtube mostrando a tatuagem de QR code de um pai (Uriel Spinhardi Ciambelli) em homenagem a seu filho

Para meu trabalho prático não foi usado, contudo, o QRCode de maneira permanente. Ele esteve no corpo do indivíduo, por meio de uma tatuagem temporária, para relacionar a imagem de um desenho tatuado à informação digital da narrativa pessoal de cada corpo.

4.3 - Proposta do Trabalho Prático



Figura 36: QRCode

Me interesse pela questão do sujeito da narrativa da tatuagem, do lugar intermediário habitado pelo corpo tatuado que é sujeito de sua narrativa, suporte de uma imagem e objeto de contemplação simultaneamente. Quis desenvolver um projeto para envolver tanto meu trabalho plástico como tatuadora, como a narrativa individual dos participantes da minha proposta.

Na tatuagem, quando o desenho é desenvolvido por encomenda, como comentado anteriormente, muitas vezes a pessoa tem participação na concepção da obra. Ela é sujeito de sua narrativa, detém os motivos e intenções por trás da tatuagem, propõe a ideia inicial e tem certa influência no resultado da imagem.

A realidade aumentada neste projeto possibilita não só uma maior colaboração dos participantes, mas também uma maneira coerente de expor ao público todas as camadas da obra. A ideia foi desenvolver as imagens a serem eternizadas com os indivíduos, documentar o processo de conversa e criação e expor retratos dos indivíduos com suas tatuagens interagindo com um QRCode (Flg.36). Assim foi possível justapor digitalmente elementos de autoria dos participantes que se relacionam com a tatuagem.

Esses elementos foram variados, houve desde um poema e GIFs¹⁹, até uma história interativa que mergulhava na simbologia pessoal da imagem tatuada.

Para estabelecer e registrar um processo de criação e diálogo que considera o indivíduo tatuado como sujeito de sua narrativa, conversei com os participantes diversas vezes, pessoalmente, por e-mail e por mídias sociais. Utilizei diferentes processos para tentar atingir a real comunicação, seguindo *Nova teoria da Comunicação* de Ciro Marcondes Filho²⁰ (TV UNESP,2015).

Marcondes estabelece um processo de pesquisa que não é focado na objetividade e sim nas possibilidades subjetivas do outro. Segundo ele vivemos em uma sociedade com muitas pessoas falando e poucas querendo ouvir, uma superoferta de imagens, onde não conseguimos mais perceber e prestar atenção no outro. A real comunicação é algo raro, que envolve entrelaçamento de ideias que causam algum impacto, resultam em alguma descoberta ou uma nova maneira de ver o mundo ou o outro (TV UNESP,2015).

Acredito que sem essa comunicação, sem esse entrelaçamento de ideias, meu trabalho não teria como existir, foi extremamente colaborativo, a exposição é o resultado de diferentes fusões e influências, de diferentes mídias e pessoas, dos participantes e da tatuadora. Nestes diálogos também cheguei a repensar meu papel tanto no projeto quanto como tatuadora. As descrições, registros e reflexões se encontram em apêndice no Diário de Bordo.

¹⁹ GIF- Graphics Interchange Format

²⁰ Ciro Marcondes Filho é professor titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. É pesquisador e criador da “Nova teoria da Comunicação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar desse texto não se tratar única ou principalmente de uma análise do filme *O Livro de Cabeceira* de Peter Greenaway, creio que se trata de um filme que representa extremamente bem meus pontos de discussão e intenções em relação ao trabalho prático. Do começo ao fim, dos papéis do corpo marcado em narrativas até as diferentes maneiras de se lidar com o corpo.

Outra questão comentada, quando introduzi o filme na discussão, é a mistura de mídias na obra de Greenaway que entram em relação com o corpo. Escrita com o corpo, a foto do corpo, tudo dentro de outra mídia, o filme.

Abaixo uma Still do filme mostra exatamente uma dessas misturas de mídias (Fig.37). Além de se tratar de uma discussão de multimídia por conta da colagem presente no próprio filme, mostra uma cena em que Nagiko está com marcações em sua pele feitas por pintura com nanquim enquanto também ocorre uma interferência de outra mídia não física em sua pele, a projeção. Nessa cena há um diálogo entre essas duas diferentes mídias no corpo. Mídias que trazem um diálogo de diferentes temporalidades e espacialidades. A pintura em nanquim tem uma presença e duração na pele de Nagiko diferente da projeção.



Figura 37: Still do filme *O Livro de Cabeceira* (1996), Nagiko projeção sobre pintura

No meu caso, as possibilidades tecnológicas da realidade aumentada abriram um caminho não só para expansão das alternativas de colaboração, mas também para viabilizar uma experiência visual e narrativa intermediária composta de elementos aparentemente distantes e com durabilidades tão distintas. Então, apesar de se tratar de uma proposta com objetivos poéticos, este filme me ajudou a construir e perceber todas essas relações intermediárias, temporais e espaciais presentes em meu projeto.

Toda a criação e desenvolvimento também se encontra em apêndice no Diário de Bordo, assim como uma análise de dessa experiência. Deixo aqui então algumas reflexões do processo expositivo do trabalho desenvolvido. Abaixo uma foto da obra exposta (Fig.38) no evento dos formandos chamado *Amarradona* no EDA em dezembro de 2019.



Figura 38: Projeto prático na exposição, 2019

Cada tatuagem feita para o trabalho foi diferente uma da outra, tanto quanto cada participante é diferente. Contudo, as fotografias foram feitas com enquadramento, cores, iluminação e formato de impressão similares. Além do QRCode temporário em comum em cada corpo, elementos que conseguiram dar uma unidade visual ao projeto.

Achei interessante as reações das pessoas às imagens expostas, comentando por vezes com surpresa “olha, tatuagem”. Mas logo percebi um pequeno erro: No dia da exposição não pensei em deixar um aviso para lerem os QRcodes das próprias imagens. Achava que seria automático alguém diante de um QRcode tentar acessá-lo.

Acabei percebendo que para muitas pessoas, principalmente dependendo da faixa etária, não era óbvio o elemento interativo das imagens. O código parecia para alguns só mais uma parte estática e estética da tatuagem e da fotografia.

No dia seguinte da abertura já resolvi o problema, colocando uma etiqueta com instruções logo abaixo do título da obra (algo que notei que a maioria parava para ler). Mas no primeiro dia da exposição também houveram algumas interações, aconteciam em ondas, uma pessoa tirava o celular para tentar ler o código e quem estava próximo copiava esse comportamento ou tentava espiar o celular do outro.

Algo que me animou foi que muitas pessoas salvaram o link do site, já começaram a usufruir dos diferentes atributos das mídias utilizadas, guardando digitalmente partes do trabalho para irem consumindo em seus próprios tempos.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS:

BERGSON, Henri. **The Creative Mind**:: An Introduction to Metaphysics. Estados Unidos: Citadel Press, 1946.

DEMELLO, Margo. **Encyclopedia of Body Adornment**. Estados Unidos: Greenwood, 2007. Disponível em: www.questia.com. Acesso em: jul. 2019.

FARIAS, Priscila. **Imagens, Diagramas e Metáforas: uma contribuição da semiótica para o design da informação**,2002.

FRIEDMAN, Anna. **Custom Tattoo Work: Historical Improvisation During William Lithgow's 1612 Pilgrimage**. 2016. Disponível em: tattoohistorian.com. Acesso em: Maio 2019.

GILBERT, Steve. **Tattoo History: A Source Book**. Estados Unidos: Juno Books, 2000.

HAMDAN, Camila Cavalheiro. **Corpos Tatuados: Experiências Sensíveis em Realidade Aumentada Móvel**. Orientador: Beatriz Medeiros. 2015. Tese (Doutorado em Arte) - Universidade de Brasília, Brasil, 2015.

KRUTAK, Lars. **The Kayabi: Tattooers of the Brazilian Amazon**. 25 de Maio de 2013. Disponível em: larskrutak.com. Acesso em: Jun. 2019.

LANDOW, George. **Hypertext: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**. Estados Unidos: Johns Hopkins University Press, 1992.

LOBELL, Jarret; POWELL, Eric. **Ancient Tattoos**. **Archaeology**, Estados Unidos, nov./dez. 2013. Disponível em: <https://www.archaeology.org/>. Acesso em: jul. 2019.

MARICONDI, Paula. "Fleshing the Text: Greenaway's Pillow Book and the Erasure of the Body". 1999. Disponível em: www.pomoculture.org. Acesso em: Jun 2019.

OKSANEN, A.; TURTIAINEN, J. **A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society**. 2005.

PAVAN, Maria Ângela; SILVA, Josimey Costa. **TATUAGEM: CULTURA DE MASSAS E AFIRMAÇÃO SUBJETIVA INCORPORADAS**. **REVISTA SIGNOS DO CONSUMO**, São Paulo, Brasil, v. 2, ed. 1, p. 67-81, 3 jun. 2010.

PIERCE, Charles Sanders. **A Syllabus of Certain Topics of Logic**. Boston: Alfred Mudge & Son, 1903.

Revista EXAME, AÇÃO da Petz dá novo sentido para tatuagens de ex. 2 jul. 2017, São Paulo: Editora Abril. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/>. Acesso em: 6 jul. 2019.

Revista LIFE, SPEAKING of Pictures: Japanese skin specialist collects human tattoos for Tokyo museum. **LIFE**, Canada: Clair Maxwell, v. 28, n. 14, p. 12-13, 3 abr. 1950.

SCHIFFMACHER, Henk. **1000 Tattoos**. Alemanha: Taschen, 1996.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Dossiê: Narrativas: Teorias e Métodos**, Brasil, v. 14, ed. 2, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/>. Acesso em: 30 abr. 2019.

VIDEOGRÁFICAS:

AME de Novo. **Petz**. 2017. (2m4s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=l2mKRcD8BRQ>>. Acesso em: Jul. 2019.

CIAMBELLII, Uriel. **QR Code Tattoo**. 2018. (1m1s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=mWo7CGhFuP8>>. Acesso em: Jul. 2019.

FRIEDMAN, Anna. “Tattoo History” (palestra), Chicago Humanities Festival, Chicago, 27 de outubro de 2018. (52min35s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=bRXJF17pLFQ>>. Acesso em: Abril, 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Diálogos: Nova Teoria da Comunicação**. 2015. (24m44s).
Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4OUdGtc5Aik> >. Acesso em: Outubro, 2019

O LIVRO de Cabeceira. Direção Peter Greenaway. Inglaterra: Lions Gate Films, 1996 (126 min).